

XXVIII SEMANA ACADÊMICA
DE PSICOLOGIA
URI SANTO ÂNGELO - 2025



DE 25/08/2025
A 29/08/2025



Giana Bernardi Brum Vendruscolo
Victória Gloger dos Santos Almeida
(Organizadoras)

**ANAIS DA VIII MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DA
XXVIII SEMANA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

EdiURI

Santo Ângelo – Brasil

2025



Catalogação na Fonte:

S471a Semana Acadêmica de Psicologia (2025 : Santo Ângelo, RS)
[Anais da] XXVIII Semana Acadêmica de Psicologia. VIII Mostra de Trabalhos Científicos [recurso eletrônico] : Entre saberes e sentidos: a psicologia como ciência do humano em suas múltiplas dimensões / organização: Giana Bernardi Brum Vendruscolo, Victória Gloger dos Santos Almeida. – Santo Ângelo : EdiURI , 2025.

34 p.

ISBN 978-65-87121-46-8

1. Psicologia - Anais. 2. Trabalhos científicos. I. Vendruscolo, Giana Bernardi Brum (org.). II. Almeida, Victória Gloger dos Santos (org.). III. Título.

CDU: 159.9:061.3

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz CRB 10/ 1720



Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI

Campus de Santo Ângelo-RS

Departamento de Ciências Humanas

Reitor

Arnaldo Nogaro

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Marcelo Paulo Stracke

Pró-Reitora de Ensino

Edite Maria Sudbrack

Pró-Reitor de Administração

Ezequiel Plinio Albarello

Uri – Campus de Santo Ângelo

Diretora Geral

Berenice Beatriz Rossner Wbatuba

Diretor Acadêmico

Carlos Augusto Fogliarini Lemos

Diretor Administrativo

Gilberto Pacheco

Coordenadora do Curso de Psicologia

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
TEXTOS COMPLETOS	9
DIFERENTES TIPOS DE VIOLENCIA SOFRIDAS EM AMBIENTE DE TRABALHO	10
<i>Camila Steinmetz Pies</i>	
<i>Eduardo Garcia Angler</i>	
<i>Isadora Ferrazza Dal-Ross</i>	
<i>Tania Ines Griebeler</i>	
<i>Keli Jaqueline Staudt</i>	
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
ATRAVESSAMENTOS INSTITUCIONAIS EM UM ESTÁGIO DE GRUPOS	14
<i>Fernando Markowski Holzschuk</i>	
<i>Thaís Langner Bonfim</i>	
<i>Andréa Fricke Duarte</i>	
RESUMOS SIMPLES	20
A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA	21
<i>Patrícia Oliveira Busatto</i>	
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
AÇÕES E REFLEXÕES EM VIOLENCIA DE GÊNERO: PROJETO ESPERANÇAR.....	22
<i>Thaís Langner Bonfim</i>	
<i>Lizete Dieguez Piber</i>	

ACOLHIMENTO COMO FERRAMENTA DE VÍNCULO E DESENVOLVIMENTO: Desafios e estratégias encontrados no trabalho em grupo com préadolescentes entre 10 a 13 anos.....	23
<i>Lara Isabelli Vier Meller</i>	
<i>Rafaela Viana Neuberger de Lima</i>	
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
ACOLHIMENTO E ESCUTA SENSÍVEL: REFLEXÕES SOBRE MATERNAGEM A PARTIR DO PET-SAÚDE	25
<i>Bárbara Weschenfelder</i>	
<i>Suelen Bade Forgiarini</i>	
<i>Thauana Baldessarini</i>	
<i>Daniela Pereira Gonzalez</i>	
<i>Alessandra Frizzo da Silva</i>	
CONFLITOS, ASSÉDIOS E DESIGUALDADES NO PET-SAÚDE EQUIDADE: UM OLHAR SOBRE A ÉTICA E OS DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE	27
<i>Brenda Bittencourt Schneider</i>	
<i>Cristina Scherbaum</i>	
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS DAS ENCHENTES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM MAIO DE 2024.....	29
<i>Charline Brigo</i>	
<i>Rejane La Bella Flach</i>	
EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFISSIONAIS DO SUS NO COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL.....	30
<i>Victória Gloger dos Santos Almeida</i>	
<i>Lizete Dieguez Piber</i>	
ENTRE ESCUTA, ACOLHIMENTO E AFETO: RELATOS DE MATERNAGEM NO PET- SAÚDE.....	31
<i>Estela Caetano Latczuk</i>	
<i>Emanuela da Rosa Leal Rodrigues</i>	
<i>Máisa Mayer Guisso</i>	
<i>Alessandra Frizzo da Silva</i>	
<i>Daniela Pereira Gonzalez</i>	

FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA O ENFRENTAMENTO DAS VIOLENCIAS DE GÊNERO NO CONTEXTO DO SUS: PERSPECTIVAS ENVOLVENDO AS INTERVENÇÕES DO PET SAÚDE EQUIDADE EM SANTO ÂNGELO/RS133

Gabriela Slodkowski Nunes

Rosângela Angelin

IMPACTOS DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NA SUBJETIVIDADE DE MULHERES JOVENS ADULTAS.....35

Denise Aline Haack

Lizete Dieguez Piber

IMPORTÂNCIA DO PET-SAÚDE EQUIDADE PARA OS DEBATES COM SERVIDORAS/ES DA ÁREA DA SAÚDE DE SANTO ÂNGELO/RS: UM OLHAR A PARTIR DE VIVÊNCIAS36

Rafaela Luz Kulinski

Rosângela Angelin

LITERATURA E PSICANÁLISE: AS POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE CASOS CLÍNICOS38

Gabriela Bravo Mortoza

José Vicente Nunes de Alcantara

LUGAR DA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA URI NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SANTO ÂNGELO39

Gabriela Bravo Mortoza

José Vicente Nunes de Alcantara

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR41

Déborah Camargo Rodrigues

Lizete Dieguez Piber

SENSIBILIZAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE PARA O ENFRENTAMENTO DAS VIOLENCIAS DE GÊNERO: EXPERIÊNCIA DO PET-SAÚDE EQUIDADE EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL42

Leandra Lia Müller

Fernanda Nascimento Teichmann

Lizete Dieguez Piber

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES E TABAGISMO: DESAFIOS PARA
A SAÚDE PÚBLICA NO CONTEXTO DO PET-SAÚDE EQUIDADE44

Júnior Röpke Morais

Fernanda Teichmann

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM SAÚDE E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NO
CONTEXTO DO PET SAÚDE EQUIDADE.....45

Bruna Guedes Neves

Fernanda Nascimento Teichmann

APRESENTAÇÃO

O Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus de Santo Ângelo, integra atividades de ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, a VIII Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia da XXVIII Semana Acadêmica de Psicologia, constituiu-se num importante espaço de discussão e socialização de pesquisas oriundas de projetos de pesquisa e de extensão, bem como das atividades de ensino de diversos Cursos da URI e de outras Instituições de Ensino Superior da região.

A diversidade de temáticas de trabalhos que integram os Anais da VIII Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia revela a Mostra como um momento privilegiado de reflexão sobre questões de saúde, educação, violência, trabalho, família, escola, etc. Além da qualidade dos trabalhos apresentados e aqui publicados, cabe destacar a variedade de temáticas de trabalhos submetidos, consolidando a Mostra de Trabalhos de Psicologia.

Desejamos a todos e a todas uma excelente leitura!

Prof^a. Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Comissão Organizadora

TEXTOS COMPLETOS

DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDAS EM AMBIENTE DE TRABALHO

Camila Steinmetz Pies – Acadêmica de Farmácia, Bolsista do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: camilaspies@aluno.santoangelo.uri.br

Eduardo Garcia Angler – Acadêmico de Biomedicina, Bolsista do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: eduardogangler@aluno.santoangelo.uri.br

Isadora Ferrazza Dal-Ross – Acadêmica de Psicologia, Bolsista do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: isadorafdal-ross@aluno.santoangelo.uri.br

Tania Ines Griebeler – Acadêmica de Enfermagem, Bolsista do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: taniaigriebeler@aluno.santoangelo.uri.br

Keli Jaqueline Staudt – Doutora, Docente do curso de Farmácia, Tutora do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: kelijaquelines@san.uri.br

Giana Bernardi Brum Vendruscolo – Mestre, Docente do curso de Psicologia, Tutora do PET-Equidade, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo – RS, Brasil. E-mail: giana@san.uri.br

Introdução

As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), que integram a atenção pré-hospitalar às urgências, foram criadas com o objetivo de descentralizar a assistência a ocorrências de menor complexidade, contribuindo para a redução da sobrecarga em hospitais e prontos-socorros. Atuando em conjunto com o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), as UPAs compõem o nível intermediário de atenção, situando-se entre as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e os serviços hospitalares. Esses estabelecimentos desempenham um papel essencial no fluxo da rede de urgência e emergência, proporcionando atendimento rápido e eficiente para uma ampla variedade de situações clínicas, mas também configuram espaços desafiadores para os profissionais de saúde, que frequentemente enfrentam situações de violência no exercício de suas funções (Campos; Souza; Alves, 2023).

No que se refere à violência no ambiente de trabalho, esta pode ser compreendida sob duas perspectivas. A primeira diz respeito à violência “do” trabalho, a qual corresponde às condições a que o trabalhador é submetido, como ambientes insalubres e inseguros para a realização de suas atividades. Já a segunda trata da violência “no” trabalho, caracterizada por atos de violência propriamente ditos, sejam eles físicos, sexuais e/ou psicológicos, ocorridos no ambiente laboral. Esse tipo de violência pode ser praticado por uma ou mais pessoas, tanto de forma interna quanto externa, ou até mesmo surgir na interação entre o profissional e o paciente (Santos Junior; Gama, 2024).

O presente trabalho tem como objetivo discutir e relatar as experiências de um grupo de profissionais da saúde acerca das situações de violência vivenciadas em uma Unidade Pronto Atendimento (UPA). Trata-se de um relato de experiência produzido a partir de vivências ocorridas entre os meses de maio e dezembro de 2024, na UPA do município de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil. Conforme ressaltam Tessmer e Rutz (2021), relatos de experiências caracterizam-se por descrever práticas desenvolvidas por indivíduos ou grupos diante de determinadas situações, não se configurando como pesquisas científicas no sentido estrito.

Resultados e discussões

Devido ao ambiente ser um local de atividades relacionadas a um momento vivido de maior fragilidade, situações que aumentam o estresse dos usuários, tanto de pacientes como de seus acompanhantes, têm impacto direto para com o profissional da saúde. As falas durante a roda de conversa evidenciaram vários tipos de violência das quais os profissionais de saúde da UPA estavam expostos. Os momentos que ocorriam essas violências eram marcados por comportamentos agressivos, xingamentos, ameaças, exposição nas mídias sociais, perturbação com os demais pacientes que aguardavam atendimento. Outro ponto apontado pelos profissionais de saúde foi associação da violência com o imediatismo do atendimento. Em geral, reclamavam da demora para serem atendidos, não compreendendo o modelo de atendimento seguido pelo Protocolo de Manchester, por não serem priorizados, ou receberem um atendimento caracterizado como urgência, alguns desses usuários se revoltavam com o tempo de espera para atendimento.

Na oportunidade, relato comum destacado por todos os profissionais de saúde é a violência pelo fato da UPA ser uma instituição pública, alguns usuários do sistema faziam exposições dos funcionários, da instituição e até mesmo de pacientes que estavam no local em atendimento ou aguardando o mesmo. As violências sofridas eram percebidas em mais de uma categoria profissional, contudo apresentava maior frequência com a classe de técnicos de enfermagem e enfermeiros. Em momentos que a situação saia do controle, era solicitado ajuda ao segurança, que se encontrava junto a recepção, ou auxílio da coordenação do local, para resolver a situação utilizando o diálogo como ferramenta. Táticas adotadas pelos

profissionais foram apontadas para evitar embates com os usuários e consequentemente diminuir o risco de violência, era não revidar. Quando o dialogo pacífico já não se mostrava mais viável, os profissionais optavam em se manter em silêncio, deixando assim o usuário prosseguir sozinho em suas falas.

Considerações finais

As experiências relatadas e as vivências compartilhadas nos encontros, demonstram uma série de fatores que expõe continuamente os profissionais da área da saúde a preconceitos e violências no próprio ambiente de trabalho. Essas exposições, não só, podem acarretar a uma série de problemas de saúde mental, como, podem comprometer a produtividade e a eficiência do atendimento prestado pelo profissional.

Nesse sentido, torna-se evidente a necessidade de ampliar os debates sobre o tema e incorporar práticas formativas capazes de fortalecer o preparo dos trabalhadores para o enfrentamento de tais situações. Além disso, destaca-se a importância da criação de espaços de acolhida profissional, capazes de proporcionar, alívio da carga emocional, melhores condições de trabalho e assim contribuir para um ambiente de trabalho mais seguro e inclusivo.

Palavras-chave

Equidade; profissionais; SUS.

Referências

- BARRETO, M. M. Violência, saúde e trabalho. Uma jornada de humilhações, 2003. Brasil. Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24h). Disponível em: [\[https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/upa-24h\]](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/upa-24h). Acesso em: 05 fev. 2025
- CAMPOS, Isabella Cristina Moraes; SOUZA, Moema Santos; ALVES, Marília. Violência no cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde de uma unidade de pronto atendimento. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 44, p. e20230001, 2023.
- Casarín ST, Porto AR. Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações. *J. nurs. health.* 2021;11(2):e2111221998. Disponível em: [\[https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/21998\]](https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/21998).
- Conselho Federal de Enfermagem. 8 de Março: Enfermagem integra luta pela vida das mulheres. Disponível em: [\[https://www.cofen.gov.br/8-de-marco-enfermagem-integra-luta-pela-vida-das-mulheres/\]](https://www.cofen.gov.br/8-de-marco-enfermagem-integra-luta-pela-vida-das-mulheres/). Acesso em: 10 fev. 2025.
- MARTINS, Soraya Rodrigues. Clínica do trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Trabalho e Educação em Saúde: Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde). PET-Saúde Equidade. Disponível em: [\[https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/pet-saude/pet-saude-equidade\]](https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/pet-saude/pet-saude-equidade). Acesso em: 21 fev. 2025.

Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. Brasília: OMS/OPAS; 2002.

SOBOLL, Lis Andrea Pereira. Assédio moral/organizacional: uma análise da organização do trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

ATRAVESSAMENTOS INSTITUCIONAIS EM UM ESTÁGIO DE GRUPOS

Fernando Markowski Holzschuk¹

Thaís Langner Bonfim²

Andréa Fricke Duarte³

Introdução

Este artigo, desenvolvido no contexto do Estágio Básico A do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Câmpus Santo Ângelo, relata a experiência vivenciada no Colégio Estadual Pedro II com uma turma do oitavo ano, composta por cerca de doze adolescentes. A proposta foi trabalhar o processo grupal por meio de dinâmicas e intervenções que considerassem as demandas dos participantes. Desde o início, observaram-se dificuldades na formação de um grupo coeso, marcadas por comportamentos desafiadores, engajamento instável e interrupções no processo grupal pela manutenção da rotina escolar. A atuação da equipe foi constantemente atravessada por limitações institucionais, resistências inconscientes e tensões nas relações. A experiência, apesar das frustrações, permitiu reflexões importantes sobre a dinâmica grupal, à luz da teoria de grupos de Bion e dos fundamentos da Psicologia Institucional.

Resultados e discussões

Ao longo dos encontros com o grupo, tornou-se evidente que, embora houvesse planejamento, dedicação da equipe e objetivos definidos, o grupo não se estruturou como uma unidade coesa. A experiência prática nos levou a revisitar os conceitos de Wilfred Bion (Zimerman, 1997), especialmente a distinção entre o grupo de tarefa (que se organiza de forma consciente em torno de um objetivo comum) e o grupo de supostos básicos (regido por comportamentos inconscientes que interferem na tarefa a ser realizada), além de outras noções fundamentais da dinâmica grupal.

Nos dois primeiros encontros, desde a dinâmica de quebra-gelo proposta, verificamos a existência de uma espécie de recusa em participar do grupo por alguns integrantes: “(...) inventei na hora a brincadeira de jogar a bola e em quem caísse, pois estávamos em uma roda, teria que falar o que sente sobre a própria turma. Alguns se empenhavam mais em participar da atividade, sendo que os três últimos se recusaram, todos meninos” (Diário de

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Santo Ângelo. E-mail: fernandomholzschuk@aluno.santoangelo.uri.br.

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Santo Ângelo. E-mail: thaislbonfim@aluno.santoangelo.uri.br.

³ Professora Supervisora Doutora em Psicologia Social Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, câmpus de Santo Ângelo. E-mail: andreaduarte@san.uri.br

campo T. – dia 01). Apesar da resistência, um elemento importante foi enunciado: “As questões trazidas foram sobre não se sentirem confiantes em falar sobre a turma de forma sincera, pois tinham medo de virar motivo de fofoca entre a própria turma” (Diário de campo T. – dia 01).

Na atividade dos crachás, no segundo encontro, entre os meninos, muitos copiaram o modelo de outro colega, evitando colocar traços pessoais. Isso evidencia um território grupal endurecido, onde a subjetividade masculina apareceu reprimida em nome da proteção coletiva dos meninos. Enquanto nas meninas, essa linha fluiu com facilidade. Foi identificado um comportamento repetitivo, especialmente entre os meninos, de resistência à subjetivação e à expressão do sensível. Na hora de escreverem propostas para encontros futuros, assim como seus gostos e vontades, alguns apenas escreveram que “gostavam de dormir” e outros deixaram em branco. Foi então que percebemos o quanto difícil seria o trabalho com a parte masculina da turma.

Já no quarto encontro, notamos que a dinâmica de falta de confiança grupal também tinha relação com a forma com que éramos vistos pela turma. “Eles falaram que gostaram das dinâmicas até agora, mesmo que seus tons de voz parecessem desinteressados, como se estivessem falando no automático, lendo um “script” de algo que eles achavam que nos agradariam como figuras de autoridade momentâneas (coisa que se provava quando, ao me chamarem, se referiam a mim como “Sora”, forma de me chamar de professora)” (Diário de campo T. – dia 04). Esta maneira de nos enxergar como uma extensão da coordenação escolar que nos chamou para procurar uma solução a um grupo de alunos considerados problemáticos, os distanciou e os impediu de chegarem até nós como estudantes de Psicologia, o que fica mais evidenciado quando “Eu e F* aproveitamos a dinâmica para expressarmos nossa frustração em relação à falta de participação e interesse dos alunos. Eles ouviram como se fosse um sermão, o que por fim se tornou” (Diário de campo T. – dia 04).

Nos quinto e sexto encontros sobre sexualidade, houve algum progresso: “foi um encontro mais produtivo, sentimos que eles se tornaram mais participativos” (Diário de campo F. – dia 05 e 06). Contudo, mesmo nesses momentos, o engajamento era pontual e, em geral, impulsionado por curiosidade ou conteúdos pessoais, não por um real vínculo com o grupo enquanto coletivo.

Mesmo ao tentarmos flexibilizar, nos últimos encontros — com lanche coletivo, pátio e miçangas — a resposta do grupo foi limitada: “ficou bem disperso depois de certo tempo e sinto que perdemos um tempo” (Diário de Campo F. – dia 09 e 10). A sensação da equipe, ao final, foi de fracasso do grupo como entidade funcional. Como na metáfora de Bion, o grupo funcionava mais como peças soltas de um quebra-cabeça do que como um todo.

Essa vivência nos fez compreender na prática que um grupo só se constitui verdadeiramente como grupo quando há comunicação efetiva, confiança mútua, vínculo

afetivo e cooperação espontânea. A ausência desses elementos tornou o processo instável, desgastante e, por vezes, frustrante para a equipe. A teoria nos amparou a dar nome ao que vivemos: não conseguimos estabelecer um grupo de tarefa porque os supostos básicos dominaram o processo. E, como Bion afirma, a luta entre essas duas forças é inevitável — e, no nosso caso, foi vencida pela desintegração.

A instituição escolar impunha um conjunto de regras que moldavam o comportamento dos alunos. “Houve pedido de uma aluna ir para o outro grupo, pois suas amigas estavam lá.

Explicamos que não éramos nós que escolhíamos os grupos e sim a Coordenadora. Ela pareceu frustrada, mas se manteve comunicativa” (Diário de campo T. – dia 01). Nossa atuação como coordenadores esteve limitada por essa estrutura rígida; horários inflexíveis, interrupções dos encontros por longos intervalos e pouca margem para negociações. Acreditamos que isso impactou diretamente no processo grupal, dificultando a criação de um espaço verdadeiramente autônomo.

O grupo, que poderia funcionar como espaço estruturalmente autêntico para os sujeitos, acabou por vezes reproduzindo dinâmicas excludentes e normativas. Ainda assim, os encontros mostram que, mesmo em contextos difíceis, pequenas brechas subjetivas podem surgir, como nas conversas fora da sala ou nas intervenções espontâneas e essas brechas se configuram como sementes de um grupo verdadeiramente instituinte.

Na Psicologia Institucional existe quatro conceitos importantes: instituído, instituinte, atravessamento e transversalidade. O polo do instituído diz respeito à uma normativa de conduta, um polo fixo de reprodução das relações sociais de forma tradicional. Já o polo do instituinte fala sobre a brecha por onde escapa o desejo de se fazer algo diferente da norma instituída.

Os polos instituído e instituinte são duas faces de um modo de organização social que altera entre tradição e inovação. Para Barembli (2002, p.32): “o instituinte aparece como um processo, enquanto o instituído aparece como um resultado”. Isso significa dizer que eles trabalham em conjunto, o que fica mais explícito com os conceitos de atravessamento e transversalidade. O primeiro seria a reprodução do instituído pelos sujeitos e o segundo, o grau de abertura ao novo. Barembli (Id. p.33), revela: “essa interpenetração ao nível da função, do conservador, do reprodutivo, chama-se atravessamento. Essa interpenetração ao nível do instituinte, do produtivo, do revolucionário, do criativo chama-se transversalidade”.

Quando se pensa na instituição escola, vê-se que ela representa o ensino de conteúdos acadêmicos, mas também de obediência às regras sociais, reproduzindo assim o instituído, tendo um grau de atravessamento. Porém, ao se colocar um grupo de seres pensantes no mesmo espaço, a escola também se torna local onde se aprende a lutar contra injustiças sociais enraizadas, a procurar conhecimentos dissidentes que busquem maneiras de

identificar e ir contra a exploração social. Assim sendo, a escola também tem seu lado instituinte, seu grau de transversalidade.

O desejo vem do inconsciente produtivo, revolucionário. Ele coloca em xeque as estruturas estabelecidas, o polo do instituído. Para Rolnik (2016), o que ela chama de linha dos afetos vem do inconsciente e é invisível, emerge da atração e repulsa dos corpos, é afetado e se deixa afetar, sempre estando em movimento. No desejo se vê movimentos de criação coletiva, o que Rolnik chamou de questões micropolíticas, que envolvem o processo de subjetivação em sua relação com o político, social e cultural. Ou seja, na manifestação do desejo, os alunos do grupo do qual foi realizado o estágio, ao se recusarem a participar de algo que viam como uma extensão da escola (pela obrigatoriedade em participar, entre outras regras), de um polo instituído, fizeram um movimento saudável e político, sendo que suas respostas, a recusa em participar do grupo por parte dos meninos, também podem ser consideradas instituintes.

Ao verem os coordenadores como uma extensão da instituição que os viu como um problema a ser revolvido, os alunos, que não puderam escolher participar, nem o grupo onde participariam, uma vez que a escola não permitiu o pedido de permuta de alunos entre os grupos, viram pouco espaço para explorar suas subjetividades e autonomia.

A interrupção da instituição escola no trabalho do estágio de grupos, ditando quem participava de qual grupo, os horários, os longos períodos de pausa que causavam uma interrupção na tentativa dos coordenadores em estabelecer alguma conexão com os alunos, sendo esse o primeiro estágio deles como alunos de Psicologia, gerou uma impossibilidade de se criar um grupo terapêutico. Foi repetida uma lógica de atravessamento por parte dos estagiários ao acatarem as regras institucionais, com o custo de não ser possível a criação de uma conexão grupal entre os alunos, que trataram as atividades como qualquer outra matéria escolar.

Por ser talvez, o primeiro, pela ingenuidade em nos portarmos como coordenadores, mas também como aprendizes de psicólogos, e não como ajudantes do professor ou da escola, não soubemos encontrar o problema principal que era a forma como a instituição via seus alunos. É uma questão complexa e que talvez demandasse mais tempo para construir uma intervenção, o que não era do escopo e nem o objetivo desse estágio.

Nossa tentativa de dar espaço para eles pensarem em seus sentimentos, refletirem sobre estruturas sociais que podem – e devem – ser modificadas, num movimento de autopoiese, onde os instituintes trazem a inovação e encontram nas brechas do sistema instituído seus graus de transversalidade, não foi possível em apenas dez encontros de quarenta e cinco minutos por semana. Acreditamos que uma maior autonomia é uma atividade que devia ser incentivada pelos próprios professores, em sala de aula, ao analisarem o ambiente e ver o que os alunos estão necessitando naquele momento. Passar conteúdos acadêmicos é muito necessário, mas ensinar a olhar para dentro de si e reconhecer

suas próprias estruturas sentimentais, também é essencial para a vivência de todo ser humano.

Reconhecer e respeitar cada adolescente e criança como único e passando por suas próprias dificuldades, enxergando o que o comportamento deles carrega de suas tentativas de lidar com as energias psíquicas, tão intensas na idade em que estão, também é papel da escola. A intervenção que talvez seja necessária se daria no campo social, incluindo o corpo docente que, de forma inconsciente ou não, reproduz o instituído da manutenção hierárquica de poder onde o professor manda e os alunos obedecem. Pois adultos, mais maduros para lidar com suas emoções, são mais capazes de enxergar o problema real da situação de uma turma de pré-adolescentes e ensiná-los, através do exemplo, a melhor forma de lidar com seus sentimentos.

Considerações finais

Ao final desse processo reflexivo e de escrita sobre a nossa experiência de estágio, chegamos à conclusão, tardia, de que eles eram crianças que apenas queriam brincar. A escola pediu para que aprendessem a ser mais calados, para imitar um prestar atenção na aula, mas tudo o que eles queriam era um espaço que os deixassem brincar.

O problema era realmente os alunos? Nossa intervenção psicológica devia ter sido com eles ou com os adultos ao redor dessas crianças? Aos pais, primeiros exemplos, muitas vezes sem condições de dar o mínimo de segurança emocional a seus filhos? Aos professores, sobrecarregados e sendo cobrados a passar um conteúdo que eles não vão absorver? A sociedade em geral, que se retira da obrigação de criar com afeto as crianças, colocando esse peso à mãe, geralmente? A reflexão não deve partir de apenas um setor. A educação, a criação de novos seres humanos, devia ser um valor pensado socialmente de forma caridosa, cidadã e democrática.

Como estagiários, só nos resta a reflexão. Somos apenas um pequeno elo nessa corrente que envolve toda a sociedade. Mas, como futuros psicólogos, aprendemos a entender quem são aqueles que por nós devem ser defendidos: nossos pacientes, não a instituição. Aprender a mesclar a altivez e o afeto parece ser um dos maiores desafios de nossa futura profissão.

Palavras-chave

Psicologia Institucional. Teoria de Grupos. Adolescência

Referências

BAREMBLITT, G. F. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática, 5 ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo, 2 ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ZIMERMAN, D. E.; OSORIO L. C. et al. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1997

XXVIII SEMANA ACADÊMICA
DE PSICOLOGIA
URI SANTO ÂNGELO - 2025



DE 25/08/2025
A 29/08/2025



RESUMOS SIMPLES

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA

Patrícia Oliveira Busatto

Acadêmica do Curso de Psicologia, URI- Campus Santo Ângelo

e-mail: patriciaobusatto@aluno.santoangelo.uri.br

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Mestre em Psicologia, Docente na URI- Campus Santo Ângelo

e-mail: giana@san.uri.br

Resumo: A utilização crescente das mídias sociais na adolescência causa preocupação sobre os possíveis impactos, visto que o uso exagerado das mídias na adolescência pode causar dependência digital, ansiedade, baixa tolerância a aguardar, e também oferecem uma variedade de informações com respostas rápidas. Dessa forma, o adolescente acaba escolhendo atividades que exijam menos cognitivamente, e passando um tempo relevante do seu dia conectado as mídias. Este trabalho tem como objetivo analisar a influência das mídias sociais na adolescência, na percepção dos pais e dos próprios adolescentes. A pesquisa foi realizada através do método qualitativo, sendo sua classificação descritiva e exploratória e delineamento de estudo de caso. Dessa forma foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois adolescentes e suas respectivas mães, e os dados oriundos das entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo. E para atender os objetivos propostos foram constituídas três categorias de análise, sendo elas: Vida social, consumismo e desempenho escolar. Tempo de tela x Sono e autoestima. Comportamento dos Pais. A partir do estudo encontrou-se que os adolescentes utilizam de 6 a 7 horas por dia das mídias sociais, tempo este acima das diretrizes de recomendação. As mães inferem no desenvolvimento social, autonomia dos adolescentes e atividades longe das telas, visto que em busca do bem-estar dos filhos não autorizam a sair de casa com receio de más companhias. Dessa forma uso excessivo das mídias sociais, pode causar problemas como ansiedade, depressão, prejuízos cognitivos, de memória e emocionais, além de exposição a conteúdos inapropriados e violentos, sendo os adolescentes expostos à influência dos algoritmos de recomendação.

Palavras-chave: Influência. Mídias sociais. Adolescência

AÇÕES E REFLEXÕES EM VIOLENCIA DE GÊNERO: PROJETO ESPERANÇAR

Thaís Langner Bonfim¹

Lizete Dieguez Piber²

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública com raízes profundas e que tem relações com o campo social, político e cultural, com dimensões a nível mundial. Sua erradicação é vital para a construção de uma sociedade democrática e de equidade. As ações para essa erradicação passam por micro atuações nas comunidades e diversos territórios. Regionalmente, o que se pode fazer como universidade comunitária é levar o conhecimento e informação sobre o assunto para o maior número de mulheres e meninas. Neste intuito, o Projeto de Extensão “Ações, diálogos e reflexões em Violência de Gênero”, em parceria com o “Projeto Esperançar”, coordena um grupo de acolhimento a vítimas de violência de gênero, no qual participam semanalmente entre quatro e sete mulheres. Neste grupo, as mulheres encontram um espaço de segurança e acolhimento que lhes permite exporem suas vivências, dores e marcas da violência nas suas subjetividades. Os encontros duram em torno de uma hora e meia a duas horas. As atividades são momentos reflexivos sobre o papel da mulher na sociedade, quais os tipos de violências de gênero existentes, como identificá-las e quais as possibilidades de ressignificar comportamentos passados e planejar novas ações para o futuro. Além disso, inclui-se também técnicas com enfoque psicológico, uma forma de buscar a história de cada uma e valorizá-las. Como é um grupo já existente há mais de um ano, a dinâmica grupal é muito entrosada e aberta, sendo até mesmo organizado um lanche coletivo “junino”, com direito a roupa típica. Este ambiente propicia diálogos mais pessoais e profundos, que começam com notícias da cidade para, em seguida, entrarem em relatos das experiências mais marcantes. O formato sempre é em roda de conversa com técnicas grupais, com a possibilidade de todas conseguirem se olhar e se conhecer. Este projeto continua em andamento e desperta muito interesse e motivação entre as integrantes para seu prosseguimento.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Machismo. Misoginia.

¹ Bolsista do Projeto de Extensão “Ações, diálogos e reflexões em Violência de Gênero” do curso de Psicologia da URI – Santo Ângelo, thaislangner@gmail.com.

² Professora Mestra do curso de Psicologia da URI – campus de Santo Ângelo, orientadora do Projeto Extensionista, lizeted@san.uri.br

ACOLHIMENTO COMO FERRAMENTA DE VÍNCULO E DESENVOLVIMENTO:

**Desafios e estratégias encontrados no trabalho em grupo com pré-adolescentes entre
10 a 13 anos.**

Lara Isabelli Vier Meller

Acadêmica do 5º semestre de Psicologia, Universidade Regional Integrada do
Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus Santo Ângelo. E-mail:
laraivmeller@aluno.santoangelo.uri.br

Rafaela Viana Neuberger de Lima

Acadêmica do 5º semestre de Psicologia, Universidade Regional Integrada do
Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus Santo Ângelo. E-mail:
rafaelavlima@aluno.santoangelo.uri.br

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Professora do curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto
Uruguai e das Missões – URI, Campus Santo Ângelo. supervisora do estágio.
E-mail: giana@san.uri.br

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Estágio Básico A do curso de Psicologia da URI – Campus Santo Ângelo, junto a um programa governamental de promoção sociocultural em uma cidade no noroeste do estado/RS. O objetivo principal consistiu em analisar os encontros realizados com pré-adolescentes entre 10 e 13 anos, destacando os desafios enfrentados no processo de engajamento, participação e vínculo grupal. Essa fase do desenvolvimento é marcada pela construção da identidade, pela busca de pertencimento e pela intensificação das relações sociais (Osório, 2003). Para tanto, o estágio proporcionou experiências práticas voltadas ao acolhimento e à compreensão das necessidades dos participantes, embasando-se em referenciais teóricos como Pichon-Rivière (1977, 2005), a fim de compreender os processos grupais e intervir de forma significativa. Ao longo dos dez encontros realizados, identificou-se que a dinâmica do grupo era atravessada pela presença frequente de violência verbal e comportamentos relacionados ao bullying, muitas vezes naturalizados pelos próprios participantes. Situações de conflito revelaram a influência do contexto sociocultural e familiar, reforçando a necessidade de estratégias de escuta e acolhimento como ferramentas centrais. A partir da criação de atividades temáticas, como dinâmicas de empatia, rodas de conversa sobre emoções e exercícios de identidade, observouse gradativa transformação na postura das crianças, que passaram a engajar-se de forma mais ativa e respeitosa. Nesse processo, foi fundamental considerar os papéis desempenhados pelos integrantes (líder, porta-voz, sabotador, bode expiatório), que se mostraram fluidos e circularam entre diferentes membros, confirmando a perspectiva de

Pichon-Rivière (1977). O vínculo estabelecido entre estagiárias e participantes foi essencial para reduzir resistências iniciais e favorecer o envolvimento coletivo. Destaca-se que o acolhimento das individualidades, como no caso de uma criança com dificuldades de compreensão das propostas, possibilitou maior integração e contribuiu para a reorganização do grupo, reforçando o valor de práticas sensíveis e adaptativas no trabalho com pré-adolescentes. A experiência permitiu compreender a relevância do acolhimento na construção de vínculos e no desenvolvimento de grupos com crianças e adolescentes. O estágio contribuiu tanto para a formação profissional das acadêmicas quanto para o fortalecimento das habilidades socioemocionais dos participantes. Percebeu-se que pequenas mudanças, como oferecer escuta atenta e validar subjetividades, repercutem de forma significativa no processo grupal. Além de promover transformações nos pré-adolescentes atendidos, o estágio possibilitou às estagiárias vivenciar, na prática, os desafios e potencialidades da atuação em Psicologia, evidenciando o caráter mútuo da troca entre coordenadores e participantes.

Palavras-chave: Grupos. Pré-adolescência. Acolhimento. Desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. 2. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1977.
- RODRIGUES, M. B. et al. Processos Grupais. 1 ed. Porto Alegre: SAGAH, 2022.
- RODRIGUES, M. B. Conceitos de processos grupais. In: RODRIGUES, M. B. et al. Processos Grupais. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2022. p. 13-27.
- CASTANHO, Pablo. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. Vínculo: Revista do NESME, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47–60, 2012.
- RODRIGUES, M. B. Antecedentes históricos dos processos grupais. In: RODRIGUES, M. B. et al. Processos Grupais. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2022. p. 29-44.
- PIRES, G. R. Principais influenciadores da teoria de grupos. In: RODRIGUES, M. B. et al. Processos Grupais. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2022. p. 55-67.
- PRÁ, R. Processos Grupais. In: RODRIGUES, M. B. et al. Processos Grupais. 1. ed. Porto Alegre: SAGAH, 2022. p. 123-135

ACOLHIMENTO E ESCUTA SENSÍVEL: REFLEXÕES SOBRE MATERNAGEM A PARTIR DO PET-SAÚDE

Bárbara Weschenfelder

Acadêmica do curso de Biomedicina da URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; barbaraweschenfelder@aluno.santoangelo.uri.br;

Suelen Bade Forgiarini

Acadêmica do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; suelenbforgiarini@aluno.santoangelo.uri.br;

Thauana Baldessarini

Acadêmica do curso de Enfermagem da URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; thuanabaldessarini@aluno.santoangelo.uri.br;

Daniela Pereira Gonzalez

Mestre, Docente do curso de Psicologia da URI, Tutor do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; email: dgonzalez@san.uri.br;

Alessandra Frizzo da Silva

Docente do curso de Enfermagem URI, campus Santo Ângelo/RS; Tutora do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; brafrizzo@san.uri.br

O Programa de Educação pelo Trabalho (PET) para a Saúde é uma ação conjunta dos Ministérios da Saúde e da Educação. No projeto local, a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) realizou uma parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Santo Ângelo e a 12ª Coordenadoria Regional de Saúde. O projeto conta com a participação de estudantes, tutores e preceptores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Direito, Educação Física, Enfermagem, Farmácia e Psicologia. Em sua 11ª edição, o programa detém como enfoque principal a valorização dos trabalhadores e futuros profissionais no cenário do Sistema Único de Saúde (SUS), e apresenta como tema principal a "Equidade". Esse resumo tem como objetivo relatar uma das experiências adquiridas durante a execução do programa. Trata-se de um relato de experiência vivenciado pelo grupo de bolsistas no período de maio de 2025. Nesta perspectiva, o Grupo 1: Cuidados com o Pré-natal, Prevenção da Violência Obstétrica e Reflexões sobre o Processo de Maternagem na Rede de Serviços de Saúde tem como ênfase principal conhecer a realidade vivenciada pelas trabalhadoras e futuras trabalhadoras da saúde no processo de maternagem em seu ambiente de trabalho relacionados ao pré-natal, puerpério e retorno ao trabalho e promover ações de educação. Nesse contexto, em maio, visitou-se uma Estratégia de Saúde da Família, do município de Santo Ângelo, para a realização de uma atividade especial em alusão ao Dia das Mães. As mulheres presentes foram convidadas a compartilhar relatos e experiências

relacionadas ao processo de maternagem. A atividade foi caracterizada pela escuta sensível, pelo acolhimento e por trocas significativas, possibilitando não apenas a valorização das vivências maternas, mas também a ampliação da compreensão acerca dos múltiplos significados atribuídos à maternidade. Ademais, fortaleceu o vínculo entre as participantes e evidenciou a relevância de espaços de fala no âmbito da atenção primária à saúde. Como lembrança, foi organizada uma atividade comemorativa: a confecção de um quadro alusivo ao Dia das Mães. As participantes puderam decorá-lo com corações e outros elementos simbólicos. Previamente, haviam sido impressas fotografias delas com seus filhos, entregues no momento da ação para que fossem integradas de forma personalizada à composição do quadro. A partilha de experiências mostrou-se extremamente positiva para o grupo, pois possibilitou um espaço de acolhimento e troca, onde cada mulher pôde compreender melhor os desafios vivenciados pelas demais. Essa escuta coletiva favoreceu a empatia e a valorização das diferentes trajetórias, contribuindo para fortalecer vínculos, promover apoio mútuo e ampliar a sensibilidade em relação às vivências maternas e pessoais de cada participante, reafirmando o papel transformador do PET-Saúde na formação acadêmica e humana de seus participantes.

Palavras-chave: Acolhimento. Maternidade. Educação em Saúde.

**CONFLITOS, ASSÉDIOS E DESIGUALDADES NO PET-SAÚDE
EQUIDADE: UM OLHAR SOBRE A ÉTICA E OS DIREITOS
HUMANOS NA FORMAÇÃO EM SAÚDE**

Brenda Bittencourt Schneider
Cristina Scherbaum

O contexto de ensino e prática em saúde, ainda que se proponha a promover cuidado, acolhimento e equidade, é também atravessado por conflitos interpessoais, práticas de assédio moral e sexual e diversas formas de desigualdade, muitas vezes naturalizadas no cotidiano institucional. Este resumo apresenta uma reflexão crítica a partir das experiências vivenciadas no âmbito do PET-Saúde Equidade, considerando o contexto de uma sociedade patriarcal, sexista e hierarquizada, que não apenas marginaliza populações vulnerabilizadas, mas também reproduz opressões sobre os/as trabalhadores/as e estudantes da saúde. O presente trabalho tem como objetivo analisar como os conflitos e as práticas de assédio e desigualdade afetam as trajetórias de aprendizagem e as relações e relacionadas nas atividades desenvolvidas no PETSaúde Equidade, tensionando as noções de ética, direitos humanos e justiça social. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica, análise documental (como a Portaria Interministerial nº 1.802/2008 e o Caderno de Educação Popular em Saúde), e reflexões baseadas na nas falas dos profissionais em ações interprofissionais e rodas de conversa com trabalhadoras da rede pública de saúde. Durante a execução das atividades do grupo do programa PET coloca o nosso eixo, como rodas de conversa, dinâmicas e apresentações foram identificadas falas e posturas de alguns profissionais que revelam a permanência de estruturas autoritárias, hierárquicas e excludentes, que minam a autonomia e o bem-estar dos/as sujeitos/as envolvidos/as. O assédio moral se manifesta de forma sutil, através da desvalorização de ideias, imposição de silêncios e sobrecarga de tarefas, enquanto o assédio sexual, embora menos visível, foi mencionado em alguns relatos que apontam para possíveis comportamentos inapropriados e não consentidos. Constatou-se que tais práticas podem afetar diretamente a saúde mental, a qualidade das relações e a efetividade das ações de cuidado e formação. Além disso, as desigualdades de gênero, raça e classe emergem como determinantes das formas de opressão vividas, dificultando o acesso pleno a ambientes saudáveis e equitativos. Os autores como Hirata (2020), Santos (2016) e Beauvoir (2019) contribuem para compreender essas intersecções e apontam a urgência de se transformar as estruturas simbólicas e materiais que sustentam essas violências. As experiências no PET-Saúde Equidade revelam que, embora haja esforços para a construção de espaços inclusivos e éticos, é necessário promover uma mudança profunda na cultura institucional, que inclua a formação crítica, a escuta ativa e o enfrentamento explícito das violências de

gênero e poder. Conclui-se que é urgente fomentar políticas públicas que priorizem a humanização das relações e a equidade nas práticas pedagógicas e assistenciais, considerando os direitos humanos como princípio estruturante. A transformação das práticas só será possível se acompanhada por uma revisão das estruturas que perpetuam opressões e pelo fortalecimento de uma cultura pautada no respeito, na ética e na dignidade de todos/as os/as envolvidos/as, com ênfase em processos formativos contínuos que consolidem tais valores no cotidiano institucional.

Palavras-chave: Assédio moral; Assédio sexual; Equidade; Direitos humanos; Formação em saúde.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 2019.
- BRASIL. Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de agosto de 2008. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderno de Educação Popular em Saúde*. Brasília: MS, 2014.
- HIRATA, Helena. *Gênero, patriarcado, trabalho: ensaios feministas*. São Paulo: Bomtempo, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Bomtempo, 2016

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS DAS ENCHENTES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM MAIO DE 2024

Charline Brigo

Acadêmica do Curso de Psicologia, URI – Campus Santo Ângelo

e-mail: charline.brigo@aluno.santoangelo.uri.br

Rejane La Bella Flach

Mestre em Psicologia, Docente na URI – Campus Santo Ângelo

e-mail: rejane.cunegatto@san.uri.br

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar as contribuições da Psicologia no atendimento às vítimas das enchentes no estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, a partir de entrevistas semiestruturadas com cinco psicólogas que atuaram neste contexto. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, com objetivos exploratórios e descritivos, o delineamento foi estudo de caso e os dados obtidos foram estudados por análise de conteúdo. Os resultados encontrados apontam para a importância da formação específica em Psicologia das Emergências e Desastres, bem como considera-se fundamental a intersetorialidade e articulação entre políticas públicas, organizações sociais e profissionais locais. Acerca das principais dificuldades enfrentadas estão a falta de infraestrutura em saúde mental, desafios comunicacionais e limitações econômicas. Ainda, as profissionais identificaram efeitos psicológicos profundos nas vítimas, como sofrimento psíquico intenso, rompimento de vínculos afetivos e desestruturação da vida cotidiana. As reflexões pessoais das entrevistadas revelam crescimento humano e profissional, reafirmando a necessidade de uma escuta ética, acolhimento sensível e ações coletivas na construção de novas práticas. Por fim, o estudo identificou que cada desastre exige respostas singulares, guiadas por empatia, conhecimento técnico e compromisso com o cuidado integral às populações afetadas.

Palavras-chave: Profissionais da Psicologia. Atendimento. Emergências climáticas.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PROFISSIONAIS DO SUS NO COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL

Victória Gloger dos Santos Almeida

Acadêmica do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; victoriagdsalmeida@aluno.santoangelo.uri.br

Lizete Dieguez Piber

Mestre, graduada em Psicologia; Professora do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo/RS; Tutora do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; lizeted@san.uri.br;

Resumo: Este estudo surge a partir de uma intervenção realizada em uma Estratégia Saúde da Família (ESF) no município de Santo Ângelo, no dia 22 de maio de 2025 com 7 trabalhadoras da área da saúde. A ação foi desenvolvida no âmbito do grupo tutorial 3 do PET – Saúde Equidade (Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde), que trata sobre as violências contra as mulheres inseridas no Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo geral do programa é sensibilizar e orientar trabalhadoras/es e gestoras/es de saúde das Secretarias Municipais na promoção da equidade dentro do ambiente de trabalho. Com base nisso, foi desenvolvido este estudo para abordar a violência sexual dentro e fora do ambiente de trabalho das profissionais da saúde, assim como as consequências para a vítima e para o ambiente social em que ocorre, as maneiras de combate e possibilidades de denúncia, com a intenção de cumprir com determinados objetivos e convidá-las a pensar em equidade. Para além de uma luta pessoal, este visa a capacitação dessas profissionais, uma vez que atuam na linha de frente da saúde no país. Ademais, a ESF, segundo o Ministério da Saúde, desenvolve ações de saúde a partir do conhecimento da realidade local e das necessidades de sua população fazendo-se, assim, maior a importância de capacitá-las para combater tal violência nesse cenário. A violência sexual é definida pelo Ministério da Saúde como qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, obriga outra pessoa, de qualquer sexo e idade, a ter, presenciar ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade. O trabalho possui como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, bem como discussões semanais realizadas nos encontros do grupo além da própria intervenção na ESF. Os resultados obtidos a partir desse estudo mostram na prática a importância da capacitação das profissionais da área da saúde que atuam na Atenção Primária do SUS, principalmente pelo fato de que as inúmeras dúvidas que surgiram, durante a execução das ações, foram supridas. Uma intervenção personalizada como essa, refletiu a importância da abordagem de dados específicos voltados para a realidade enfrentada por elas.

Palavras-chave: Trabalhadores. Violência. SUS.

ENTRE ESCUTA, ACOLHIMENTO E AFETO: RELATOS DE MATERNAGEM NO PET-SAÚDE

Estela Caetano Latczuk

Acadêmica do curso de Enfermagem URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; estelaclatzuk@aluno.santoangelo.uri.br

Emanuela da Rosa Leal Rodrigues

Acadêmica do curso de Direito URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; emanuelalrodrigues@aluno.santoangelo.uri.br

Maísa Mayer Guisso

Acadêmica do curso de Psicologia URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; maisamguisso@aluno.santoangelo.uri.br

Alessandra Frizzo da Silva

Docente do curso de Enfermagem URI, campus Santo Ângelo/RS; Tutora do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; brafrizzo@san.uri.br

Daniela Pereira Gonzalez

Mestre, Docente do curso de Psicologia da URI, Tutor do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; email: dgonzalez@san.uri.br;

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) foi criado a partir de uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Saúde e da Educação. Em Santo Ângelo, sua execução ocorre por meio da parceria entre a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Secretaria Municipal de Saúde e a 12ª Coordenadoria Regional de Saúde. O projeto reúne estudantes, tutores e preceptores de diversos cursos, como Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Direito, Educação Física, Enfermagem, Farmácia e Psicologia. Atualmente em sua 11ª edição, o programa tem como propósito qualificar a formação acadêmica e a prática profissional no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo a Equidade como tema norteador. O presente resumo busca compartilhar uma das experiências vivenciadas durante as atividades do grupo, especialmente, no mês de maio de 2025. A proposta do programa valoriza a inserção e o reconhecimento das trabalhadoras e futuros profissionais de saúde, considerando recortes de gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e deficiência. Nesse sentido, o Grupo 1: Cuidados com o Pré-natal, Prevenção da Violência Obstétrica e Reflexões sobre o Processo de Maternagem desenvolve suas ações voltadas à realidade das mulheres no contexto do SUS, abordando desde o pré-natal até o retorno ao trabalho após o puerpério, sempre com foco em práticas educativas e reflexivas. Como parte das atividades, o grupo esteve presente na farmácia de medicamentos especiais de Santo Ângelo, onde realizou uma ação em homenagem ao Dia das Mães. Durante o encontro, as mulheres foram incentivadas a relatar suas vivências e compartilhar

experiências relacionadas ao processo de maternagem. A atividade realizada foi direcionada às mães que já haviam vivenciado o processo de maternagem, o encontro foi marcado pela escuta atenta e pelo acolhimento das trabalhadoras, no qual cada uma pôde compartilhar sua trajetória, relatando os desafios enfrentados, os momentos mais delicados do processo de maternagem, bem como as experiências de afeto e amor que marcaram sua vivência como mães. Esse espaço proporcionou um ambiente especial de troca e reconhecimento, fortalecendo os vínculos, promovendo empatia e pertencimento entre as mulheres presentes. Durante a atividade, uma das bolsistas do PET-Saúde contribuiu de forma singular ao tocar violão e cantar uma música em homenagem às mães, gesto que emocionou e foi recebido com grande carinho pelas participantes. Como encerramento, foi confeccionado um mural previamente estruturado pelas bolsistas, no qual as mães puderam integrar fotografias com seus filhos e decorar com corações e outros símbolos afetivos, deixando o registro de suas histórias de forma criativa e personalizada. O retorno obtido, evidenciou que a ação possibilitou não apenas um momento de valorização das vivências individuais, mas também o fortalecimento da comunicação no serviço e o alargamento dos vínculos entre trabalhadoras e usuárias, reafirmando a importância de iniciativas humanizadoras no contexto da atenção em saúde, juntamente com o papel transformador do PET-Saúde na formação acadêmica e humana de seus participantes.

Palavras-chaves: Saúde materna. Equidade. Acolhimento.

FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA O ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO CONTEXTO DO SUS: PERSPECTIVAS ENVOLVENDO AS INTERVENÇÕES DO PET SAÚDE EQUIDADE EM SANTO ÂNGELO/RS¹

Gabriela Slodkowski Nunes²
Rosângela Angelin³

Resumo: As violências de gênero que atravessam o cotidiano dos servidores e servidoras públicas do Sistema Único de Saúde (SUS) representam um grave problema social e institucional, refletindo a complexidade das opressões que atingem não apenas a população usuária, mas também aqueles/as que atuam na linha de frente do cuidado. Essas violências podem assumir formas físicas, psicológicas, simbólicas e institucionais, e chegam ao SUS carregadas de um contexto histórico e social marcado pela desigualdade e pela estrutura patriarcal, que afeta de maneira particular mulheres e outros grupos vulnerabilizados, reproduzindo relações de opressão inclusive nos espaços de trabalho. A reflexão e a disseminação de informações sobre esses fenômenos são essenciais para ampliar a compreensão das múltiplas dimensões da violência e seus impactos no cotidiano dos serviços de saúde, possibilitando intervenções mais qualificadas e efetivas. O presente trabalho tem como objetivo central discutir a importância da formação dos trabalhadores e trabalhadoras da saúde para o enfrentamento dessas violências, tanto aquelas vividas por esse público, quanto as que chegam ao SUS a partir das demandas dos/as usuários/as, reconhecendo que a qualificação contínua é ferramenta estratégica para a construção de um ambiente de cuidado seguro, humanizado e comprometido com a equidade. A metodologia adotada baseou-se na participação ativa no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET SAÚDE EQUIDADE), que promove a integração ensino-serviço-comunidade e possibilita a vivência de experiências concretas de aprendizagem em equipe multidisciplinar. Um marco relevante no cenário de políticas públicas foi a criação da Portaria GM/MS nº 230, de 7 de março de 2023, que institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora

¹Trabalho realizado a partir dos estudos e vivências do PET SAÚDE EQUIDADA – EIXO 2, Grupo 3 que trata dos compromissos dos serviços contra todas as formas de violência às mulheres, particularmente as relacionadas à orientação sexual, gênero e identidade de gênero

²Acadêmico/a do Curso de Direito junto a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo/RS. Bolsista do PET SAÚDE EQUIDADE, Eixo 2, Grupo 3. E-mail: gabrielanunes@aluno.santoangelo.uri.br

³Doutora em Direito no PPGDireito e Curso de Direito da URI, campus Santo Ângelo/RS. Tutora do PET SAÚDE EQUIDADE, Eixo 2, Grupo 3. Acadêmica do Curso de Psicologia. E-mail: rosangela@san.uri.br

do SUS, estabelecendo diretrizes e estratégias para a prevenção, identificação e enfrentamento das violências no âmbito do trabalho em saúde, reforçando o papel do Estado na proteção de usuários e trabalhadores e no fortalecimento da rede de atenção. O PET EQUIDADE SAÚDE se apresentou como um instrumento fundamental para a formação multidisciplinar, ao permitir que estudantes e profissionais de diferentes áreas compartilhassem saberes, elaborassem estratégias conjuntas e desenvolvessem intervenções alinhadas às necessidades reais dos territórios. No Grupo 3 do Eixo 2 do PET Uri Santo Ângelo, as ações envolveram estudos dirigidos, diálogos e intervenções comunitárias, resultando em um enriquecimento significativo da compreensão sobre as violências e sobre como atuar de forma ética, sensível e tecnicamente fundamentada. As experiências vivenciadas evidenciaram que a formação multidisciplinar não apenas amplia a capacidade de resposta às demandas, mas também fortalece o compromisso ético-político dos profissionais com a promoção da equidade e a transformação social. Constatou-se que intervenções formativas nesse formato favorecem a construção de práticas integradas, sensíveis ao contexto e comprometidas com a superação das desigualdades, além de estimular reflexões críticas sobre as próprias relações de trabalho no SUS. Em síntese, a experiência reafirma que a formação e a capacitação contínua, especialmente em equipes multidisciplinares, são estratégias indispensáveis para enfrentar as violências, transformar as práticas de cuidado e promover mudanças estruturais e culturais, contribuindo para um sistema de saúde mais justo, inclusivo e seguro para todas as pessoas.

Palavras-chave: Violência. Gênero. Sistema Único de Saúde (SUS).

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 230, de 7 de março de 2023. Institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora do SUS. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 46, p. 125, 8 mar. 2023

IMPACTOS DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA NA SUBJETIVIDADE DE MULHERES JOVENS ADULTAS

Denise Aline Haack

Estudante do Curso de Psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, deniseahaack@aluno.santoangelo.uri.br

Lizete Dieguez Piber

Mestre em Educação. Docente do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, lizeted@san.uri.br.

Resumo: O estudo objetiva analisar os impactos do consumo de pornografia na subjetividade de mulheres jovens adultas. A pesquisa teve caráter qualitativo, descritivo e exploratório, foi realizada em formato de estudo de caso, com três mulheres cisgênero e bissexuais, com idades entre 18 e 30 anos, residentes no noroeste do Rio Grande do Sul, selecionadas através da amostragem bola de neve. As entrevistas semiestruturadas passaram pela análise de conteúdo e, a partir dela, foram elaboradas categorias relacionadas aos motivos do consumo, às percepções acerca de sexualidade, à intensidade do uso, aos efeitos nos relacionamentos e aos impactos na autoestima. Os resultados mostraram que a busca inicial ocorreu por curiosidade de desejo de pertencimento ao grupo, especialmente na adolescência, com redução do uso após o início da vida sexual real. Também foram relatadas diferenças entre as expectativas geradas pelo consumo e experiências reais, inseguranças em relacionamentos e comparações com padrões corporais irreais, com consequências negativas para a autoestima. Situações de consumo impostas pelo parceiro foram relatadas e evidenciaram que os padrões de desigualdade de gênero presentes na pornografia se atualizam no próprio consumo. Algumas participantes relataram efeitos positivos, como a possibilidade de explorar a própria sexualidade e descobrir práticas sexuais, embora esse aprendizado possa ser marcado pela cobrança social sobre a performance feminina. Conclui-se que os efeitos do consumo de pornografia são ambivalentes e significativos sobre a subjetividade feminina, o que ressalta a importância de novas pesquisas sobre a relação entre consumo de pornografia e educação sexual, além da necessidade de estudos com maior diversidade de gênero e orientação sexual.

Palavras-chave: Mulheres; pornografia; subjetividade.

IMPORTÂNCIA DO PET-SAÚDE EQUIDADE PARA OS DEBATES COM SERVIDORAS/ES DA ÁREA DA SAÚDE DE SANTO ÂNGELO/RS: UM OLHAR A PARTIR DE VIVÊNCIAS

Rafaela Luz Kulinski¹
Rosângela Angelin²

Resumo: O Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET - EQUIDADE E SAÚDE), instituído pela Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de agosto de 2008, é uma iniciativa promovida pelo Ministério da Saúde em conjunto com Universidades brasileiras, incluindo a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) - campus Santo Ângelo, e tem como intuito viabilizar programas de aperfeiçoamento e especialização em serviço voltado para profissionais da saúde, bem como de iniciação ao trabalho e vivências, dirigidos aos estudantes da área, alinhados com as demandas do Sistema Único de Saúde (SUS). O presente resumo aborda as atividades realizadas pelo Grupo Tutorial 3 (Eixo 2) em relação à temática referente a violência de gênero, sexualidade e discriminação trabalhada ao longo do período de maio de 2024 até agosto de 2025 e colocado em prática por meio de intervenções e atividades realizadas com trabalhadores/as da saúde. Diante disso, o PET busca capacitar os presentes e futuros profissionais da saúde a contribuírem com a diminuição da discriminação e violência de gênero e procura prepara-los/as para o atendimento qualificado desse público, além de promover uma melhor convivência entre os próprios servidores. Em princípio, a equidade pressupõe dar tratamento desigual aos desiguais, na medida de suas desigualdades, contudo, a violência e a discriminação influenciadas por estruturas socioculturais impossibilitam a concretude desse ideal. Historicamente, a sociedade foi construída com base em uma estrutura patriarcal, ou seja, um sistema social, político e econômico em que a figura masculina é o centro do poder e exerce o controle sobre as mulheres e outros grupos marginalizados. Durante séculos, essa divisão de papéis de gênero foi naturalizada e perpetuada pela força das instituições e pela violência como mecanismo de controle, adaptando-se às mudanças sociais, mantendo privilégios masculinos e limitando a emancipação feminina e a de outros grupos minoritários e por isso devem ser questionadas em contexto acadêmico. As dinâmicas do PET foram desenvolvidas por acadêmicos/as a fim de transformar essa perspectiva social com os servidores/as, sendo realizadas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e no Setor de

¹Acadêmica do curso de Direito da URI, campus Santo Ângelo/RS; rafaelalkulinski@aluno.santoangelo.uri.br

²Doutora, graduada em Direito; Acadêmica do curso de Psicologia da URI, campus Santo Ângelo/RS; rosangela@san.uri.br

Atendimento Especializado (SAE) de Santo Ângelo, onde foram apresentados conteúdos referentes à definição de gênero e suas abrangentes e de que forma a violência se manifesta. Houve uma maior resistência no CAPS do que no SAE, que se mostrou mais aberto e participativo. Em síntese, pode-se alegar que não há muito conhecimento por parte dos profissionais sobre o assunto, principalmente, quando se fala de diversidade de gênero e sexualidade. Dessa forma, é possível observar uma carência de sensibilidade e identificação geral por parte da sociedade, que afeta os/as próprios/as trabalhadores/as da saúde, em relação a essa temática, assim, oportunizando a perpetração das violências. Portanto, se faz imprescindível a presença de programas como o PET para promover a sensibilização por meio de informações e orientar a como se proteger e não praticar os diversos tipos de violência.

Palavras-chave: gênero; violência de gênero; equidade; profissionais da saúde; diversidade

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de agosto de 2008. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 ago. 2008.

LITERATURA E PSICANÁLISE: AS POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DE CASOS CLÍNICOS

Gabriela Bravo Mortoza

Acadêmica de Psicologia, URI - Campus Santo Ângelo,
gabrielabmortoza@aluno.santoangelo.uri.br

José Vicente Nunes de Alcantara

Mestre, Docente do curso de Psicologia da URI; email: jalcantara@san.uri.br

Resumo: Os diálogos entre a literatura e a psicanálise remontam desde os primeiros momentos da formulação da psicanálise. A literatura denuncia as movimentações anímicas que Freud formalizou com a psicanálise, e desde seu início, o autor recorreu a produções literárias para exemplificar seus conceitos. Freud entendia que essas produções estavam em concordância com aquilo que a psicanálise propunha. A partir dessa intrínseca relação, este trabalho propõe-se a investigar se a identificação de elementos característicos de estruturas narrativas no discurso do analisante pode servir como ordenador metadiscursivo para a construção do caso na clínica psicanalítica. Para tanto, a pesquisadora utilizou o método psicanalítico, o que caracteriza esta pesquisa como qualitativa, exploratória e descritiva, com delineamento de pesquisa intervenção. Os participantes da pesquisa foram três pacientes atendidos na Clínica-Escola de Psicologia da URI - câmpus Santo Ângelo. Os participantes passaram por sessões de psicoterapia de orientação psicanalítica e estas sessões foram registradas em diários clínicos que serviram como base para a análise de dados. Os dados foram analisados através da Análise Psicanalítica do Discurso. Na construção dos casos, a pesquisadora fez uma relação entre os conceitos psicanalíticos associados a cada caso e as estruturas narrativas dos gêneros literários Young Adult, suspense e terror. No caso Augustus, a identificação da repetição da desistência em sua narrativa foi associada com os recursos usados pelo autor do livro A Culpa é das Estrelas, representante do gênero literário Young Adult. No caso Virgínia, foi possível identificar a temporalidade do inconsciente apresentada nos enlaces transferenciais, o que se deu de forma análoga à estrutura de tempo usada por Sager no livro O Massacre da Família Hope, estrutura essa que é característica do gênero suspense. O caso Carrie levou às fronteiras das produções psicanalíticas contemporâneas, mas concentrando-se na proposta deste trabalho, o conceito de infamiliar (unheimlich) e sua produção da inquietação na transferência quando da escuta dos efeitos do Real foi associado com o gênero literário de terror, que conforme definido por King, pode ter função de catarse ao permitir que o leitor entre em contato com o Real através da ficção. O trabalho concluiu que é possível estabelecer relações entre as estruturas de gêneros literários e a construção dos casos e provocou ainda novas questões a serem investigadas futuramente.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Construção de casos.

LUGAR DA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA URI NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SANTO ÂNGELO

Gabriela Bravo Mortoza

Acadêmica de Psicologia, URI - Campus Santo Ângelo,

gabrielabmortoza@aluno.santoangelo.uri.br

José Vicente Nunes de Alcantara

Mestre, Docente do curso de Psicologia da URI; email: jalcantara@san.uri.br

Resumo: A Clínica-Escola de Psicologia da URI de Santo Ângelo oferece serviços clínicos para a comunidade de maneira gratuita, realizados por estagiários que são supervisionados pelos professores do curso. Desde o advento da pandemia de COVID-19, notou-se um aumento significativo da procura por psicoterapia, o que se expressou por um aumento da lista de espera, que no início de 2024 contava com mais de 450 nomes. Santo Ângelo é uma cidade que dispõe de diversos serviços que compõem a Rede de Atenção Psicossocial. A cidade conta com um CAPS II, um CAPSad, um CAPSij, uma Unidade Psiquiátrica Hospitalar e atendimentos psicológicos individuais oferecidos pela Secretaria Municipal de Saúde. Além disso, o município possui outros serviços de redes que atuam em conjunto com a RAPS na prevenção e promoção de saúde mental, como os pontos da assistência social, educação, saúde e sistema judiciário. Levando isso em conta, surge o questionamento acerca do lugar ocupado pela Clínica-Escola de Psicologia da URI de Santo Ângelo na RAPS. Para investigar essa questão, propôs-se esta pesquisa, cujo objetivo geral foi objetivo geral foi verificar o lugar ocupado pela Clínica-Escola de Psicologia da URI na Rede de Atenção Psicossocial de Santo Ângelo e sua relação com os diversos pontos da Rede. Os objetivos específicos foram: investigar como os profissionais da RAPS compreendem a articulação da Clínica-Escola na Rede; compreender os motivos de encaminhamentos para a Clínica-Escola através de pesquisa nos prontuários da Clínica; identificar quais pontos da RAPS encaminham pacientes para a Clínica-Escola; averiguar quais são as categorias de profissionais que realizam encaminhamentos de pacientes para a Clínica-Escola e realizar a análise dos conteúdos discursivos dos profissionais contidos nos encaminhamentos. Com o intuito de atingir estes objetivos, foram realizadas entrevistas com profissionais dos diversos pontos da rede do município e foram analisados dados de encaminhamentos dos prontuários de pacientes da Clínica. A pesquisa justifica-se quando considera-se que o volume de demanda para psicoterapia qual a Clínica-Escola da URI de Santo Ângelo recebe pode ser lido como um sintoma da insuficiência da RAPS de comportar uma parte significativa da demanda em Saúde Mental da comunidade. Ademais, a partir da compreensão do lugar que a Clínica-Escola da URI de Santo Ângelo ocupa na RAPS, pode-se apresentar os resultados para as autoridades concernentes no município, de forma a propor uma melhor articulação

entre a Clínica e os outros pontos da rede. Com a pesquisa, foi possível compreender melhor a visão dos profissionais acerca do lugar ocupado pela Clínica na RAPS, a origem dos encaminhamentos recebidos pela Clínica e os motivos pelos quais os pacientes são encaminhados da Rede para a Clínica.

Palavras-chave: Clínica-Escola. RAPS. Saúde Mental.

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR 1

Déborah Camargo Rodrigues

Acadêmica do curso de Psicologia. URI- Campus de Santo Ângelo.

e-mail:deborahcrodrigues@aluno.santoangelo.uri.br

Lizete Dieguez Piber

Mestre em Educação. Docente na URI- Campus de Santo Ângelo.

e-mail: lizeted@san.uri.br

Resumo: O bullying no ambiente escolar é uma questão de relevância crescente. Ele envolve uma série de comportamentos negativos, como humilhações, insultos, isolamento e intimidações e se caracteriza por três elementos principais: a intenção de causar dano, a repetição das agressões ao longo do tempo e o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. A escola, sendo um espaço de socialização e aprendizagem, torna-se um dos principais cenários, onde essas dinâmicas se manifestam. Tais práticas não apenas afetam o ambiente escolar, mas também tem consequências profundas e duradouras na saúde física e psicológica das vítimas. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os sentimentos de adolescentes que foram vítimas de bullying durante a adolescência em uma escola pública na Região das Missões. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, buscando compreender os sentimentos e percepções dos adolescentes em relação ao bullying. O tipo de pesquisa escolhida foi descritivo e exploratório, visando descrever as experiências dos participantes e explorar suas percepções sobre o fenômeno. A amostra foi composta por 4 adolescentes que vivenciaram situações de bullying no contexto escolar. Os participantes foram selecionados intencionalmente, independentemente de sexo e gênero. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada, contendo 10 questões que foram desenvolvidas para explorar profundamente as experiências pessoais dos adolescentes em relação ao bullying, seus sentimentos associados e as consequências emocionais que enfrentaram. A análise de dados foi através da análise de conteúdo. Foi possível concluir que os impactos do bullying não se restringem apenas ao momento da agressão, mas se prolongam para além da escola, interferindo no bem-estar global dos jovens e prejudicando suas relações interpessoais e sua capacidade de se expressar e de buscar ajuda. O medo da exposição e a falta de suporte adequado contribuem para que as vítimas se sintam sozinhas e incapazes de romper esse ciclo. Será então, no campo das relações estabelecidas dentro da instituição e desta com o ambiente no qual está inserida que a profissional de Psicologia, por exemplo, terá condições de desenvolver novas alternativas para o seu trabalho.

Palavras-chave: Bullying; adolescência; escola; vítima; violência.

SENSIBILIZAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE PARA O ENFRENTAMENTO DAS VIOLENCIAS DE GÊNERO: EXPERIÊNCIA DO PET- SAÚDE EQUIDADE EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL

Leandra Lia Müller

Acadêmica do curso de Enfermagem da URI, campus Santo Ângelo/RS; Bolsista do PET
Saúde Equidade desenvolvido pela URI; leandralmuller@aluno.santoangelo.uri.br;

Fernanda Nascimento Teichmann

Graduada em Farmácia; Mestranda da URI, campus Santo Ângelo/RS; Preceptora do PET
Saúde Equidade desenvolvido pela URI;

Lizete Dieguez Piber

Mestre, graduada em Psicologia; Professora do curso de Psicologia da URI, campus Santo
Ângelo/RS; Tutora do PET-Saúde Equidade desenvolvido pela URI; lizeted@san.uri.br;

Resumo

Este relato de experiência integra as ações desenvolvidas pelo grupo tutorial 3 do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde Equidade, que tem como foco a valorização das trabalhadoras e futuros trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como a promoção de discussões sobre gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e pessoas com deficiência. Dentro desse contexto, a problemática que norteia o trabalho diz respeito às violências relacionadas à orientação sexual, gênero e identidade de gênero, refletindo sobre quais estratégias podem ser implementadas nos serviços de saúde para fortalecer os compromissos contra todas as formas de violência, em especial aquelas voltadas às mulheres. O objetivo central da intervenção foi criar espaços de reflexão com profissionais da saúde, proporcionando debates coletivos capazes de mobilizar, prevenir e construir estratégias de enfrentamento diante das desigualdades e preconceitos ainda presentes no SUS, marcado por estruturas patriarcais que também atravessam a atuação das trabalhadoras e dos trabalhadores da saúde. A metodologia adotada contempla encontros formativos em uma instituição de saúde mental de um município do noroeste do Rio Grande do Sul. Nesses encontros, foram realizadas dinâmicas reflexivas, como a “Caixa das Associações” e a “Dinâmica de Bunker”, que possibilitaram aos participantes repensar conceitos, estereótipos e valores relacionados a gênero e diversidade, bem como analisar como esses aspectos influenciam as práticas de cuidado em saúde. Além das dinâmicas, foram trabalhados conteúdos teóricos sobre sexualidade, diversidade de gênero e identidade de gênero, destacando-se a diferença entre gênero e orientação sexual, bem como a necessidade de reconhecer a pluralidade de identidades no processo de cuidado. Essa iniciativa dialoga diretamente com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, instituída pela Portaria GM/MS nº 1.996/2007, que reforça a formação crítica e reflexiva dos

trabalhadores do SUS e integra-se ao conjunto de diretrizes estabelecidas pela Portaria GM/MS nº 1.111/2023, que dispõe sobre o PET-Saúde e reafirma a importância da equidade como princípio orientador das ações em saúde. Os resultados apontaram para a relevância da educação permanente como estratégia para sensibilizar e capacitar os profissionais, visto que os relatos evidenciaram tanto avanços quanto resistências culturais no reconhecimento e adoção de novas terminologias e práticas inclusivas. Constatou-se que as atividades promoveram mudanças significativas na forma como os trabalhadores passaram a refletir sobre sua postura diante das diversidades, além de evidenciarem a importância de criar ambientes seguros para a expressão e o diálogo. Ainda, ficou claro que a inclusão e a humanização no SUS não se limitam ao conhecimento teórico, sendo imprescindível que tais discussões sejam vivenciadas no cotidiano das práticas em saúde, de modo a efetivar transformações culturais e estruturais. Assim, destaca-se que experiências como essa fortalecem o papel do PET-Saúde Equidade na formação crítica e humanizada dos profissionais, favorecendo a construção de políticas públicas mais justas, equânimes e capazes de enfrentar as desigualdades históricas presentes no sistema de saúde brasileiro.

Palavras-chave: PET-Saúde Equidade; Diversidade de gênero; Violência; Trabalhadoras da saúde; Sistema Único de Saúde

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES E TABAGISMO: DESAFIOS PARA A SAÚDE PÚBLICA NO CONTEXTO DO PET-SAÚDE EQUIDADE

Júnior Röpke Morais
Fernanda Teichmann

Resumo: A violência doméstica contra mulheres, enraizada em uma sociedade patriarcal que perpetua desigualdades de gênero, constitui um grave problema de saúde pública, com impactos devastadores na saúde física, mental e social das vítimas. Este resumo reflete sobre a relação entre violência doméstica e tabagismo, a partir de experiências e estudos desenvolvidos no âmbito do PET-Saúde Equidade, programa do Ministério da Saúde que promove a integração ensino-serviço comunidade para qualificar profissionais e estudantes do Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo central é analisar como a violência doméstica contribui para o aumento do tabagismo entre mulheres, considerando os danos psicológicos e a interseccionalidade de fatores como raça e vulnerabilidade socioeconômica, além de destacar o papel do SUS no enfrentamento dessa problemática. A metodologia utilizada incluiu revisão bibliográfica de artigos científicos, legislações e relatórios, como o da ONU Mulheres, além de reflexões sobre a prática no PET-Saúde Equidade. Os resultados indicam que a violência doméstica, marcada por agressões físicas, psicológicas e sexuais, está associada a transtornos emocionais como ansiedade, depressão e baixa autoestima, que levam mulheres a recorrerem ao tabaco como mecanismo de enfrentamento. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS/2019) mostram que mulheres vítimas de violência têm 3% mais chance de serem tabagistas, com um aumento de 6% entre mulheres pretas, pardas ou indígenas, evidenciando a interseção de gênero e raça. A violência doméstica, segundo a ONU Mulheres, resultou em 51.100 feminicídios em 2023, muitos precedidos por episódios de violência crônica, reforçando a necessidade de intervenção precoce. No SUS, a identificação de vítimas é desafiada pela subnotificação, com 98,5% dos casos de violência psicológica não denunciados. A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) oferecem arcabouço legal para proteção e punição, mas a persistência da violência reflete a necessidade de desconstruir a cultura patriarcal. O PET-Saúde Equidade destaca-se por capacitar profissionais para acolher vítimas em unidades de saúde, oferecendo suporte psicossocial e encaminhamentos sigilosos. Contudo, a mudança estrutural exige políticas intersetoriais que promovam equidade de gênero e raça, além de campanhas educativas contra o tabagismo. Este estudo reforça a urgência de abordar a violência doméstica como determinante social de saúde, propondo que o SUS amplie redes de apoio e invista na formação de trabalhadores para enfrentar essa epidemia invisível.

Palavras-chave: Violência doméstica; Tabagismo; PET-Saúde Equidade; Saúde pública; Patriarcado.

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM SAÚDE E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NO CONTEXTO DO PET SAÚDE EQUIDADE1

Bruna Guedes Neves2
Fernanda Nascimento Teichmann3

Resumo: Este estudo surge com uma reflexão sobre o cenário de violências de gênero vivenciadas na atenção básica de saúde, a partir do grupo tutorial 3 do PET – Saúde Equidade (Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde), que trata sobre as violências contra as mulheres inseridas no Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo geral do PET é sensibilizar e orientar trabalhadores e gestores da área da saúde das secretarias municipais e/ou estaduais para promover equidade no ambiente de trabalho e, com isso, este trabalho trata de violências contra as mulheres a partir de uma revisão da literatura em banco de dados como Google Acadêmico, Scielo e PubMed. Em uma análise realizada sobre os impactos psicológicos da violência contra a mulher no Brasil, de 2013 a 2023, pode ser observado que 70% dos casos de violência física tinham mulheres como vítimas, além dos casos de feminicídios (Bif et al., 2024). Portanto, o impacto psicológico sofrido por estas mulheres pode resultar em depressão e/ou ansiedade, impactando negativamente em sua vida e, em casos extremos, acabar cometendo suicídio (Bif et al., 2024). Sendo assim, mulheres que sofrem/sofreram violência doméstica e sexual apresentam as maiores queixas, diferentes patologias, distúrbios físicos e mentais, acarretando o aumento da utilização dos serviços de saúde com maior frequência quando comparadas com aquelas que não passaram por estes eventos (D'Oliveira et al., 2009). Outrossim, os serviços de saúde, especialmente os de atenção primária, são de grande importância na detecção de casos de violência pois apresentam maior contato com os pacientes, podendo reconhecer e acolher o caso antes que ocorram situações mais graves (Lettieri et al., 2008). Com isso, a inclusão de projetos de extensão no currículo acadêmico, como o PET-Saúde, traz uma maior perspectiva para os futuros profissionais, oportunizando acompanhar a rotina dos profissionais de saúde nas unidades e levar a eles capacitações que abordem a violência, auxiliando em como podem identificar as vítimas e a melhor intervenção para/com elas.

Palavras-chave: PET – Saúde Equidade; Sistema Único de Saúde; Violência de gênero.